

Os pés no riacho

Rei como personagem cultural

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Os pés no riacho: Rei como personagem cultural. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 84-87. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Os pés no riacho¹

Rei como personagem cultural

Roberto, oh Roberto, que estranha potência a vossa! Como te entender? E por que preciso?

Lá na década de 80, Regina Casé tinha um curioso bordão no revolucionário grupo Asdrúbal trouxe o trombone: ‘Eu te amo, Roberto Carlos!’. Isso era dito de forma tão escancarada que ficava óbvia a caricatura da melosidade platitudinosa (fascista?), a redundância da redundância transformada em atitude crítica e cômica – mas agora já faz 45 anos que cantei alegremente ‘Calhambeque e que tudo mais vá pro inferno’ no recreio da minha escola primária, aprendendo a dedilhar meu primeiro mi menor, e vejo em pleno Maracanã milhares de pessoas ignorando a chuva por você, e seus cabelos longos permanecem (não sem algum esforço) quase do mesmo jeito, então, Roberto, buscar entendê-lo um pouco mais é buscar entender essa destemperada usina de imaginário chamada Brasil, mesmo contra minha desconfiança básica de canções melosas em quaternário (a voz flutuando em cima), com seu precioso quinhão para a homogeneização do que se ouve, do que se vende, afinal, há tantos outros compassos, uma canção em 7/8 destruiria o amor?

Não, mas talvez perturbasse o riacho, aquele que Caetano usa em aliteração manhosa, para defini-lo: ‘eu pus os meus pés no riacho, e acho que nunca os tirei’, e que você próprio registra em ‘Cachoeiro’, com ‘águas e mágoas do Itapemirim’, uma hermenêutica do riacho...!

Qual não foi o espanto, em 1971, ao ouvir de sua boca a equação torta da ditadura plena (2 e 2 são 5), tudo ia mal, naquele dia o riacho correu ao contrário... direção que surpreendia e encantava, a sua voz em nome de uma visão crítica; mas ficou por ali.

Ao procurar seus próprios versos críticos, irônicos, rebeldes, conclamadores, nada muito consistente aparece (não vou considerar a fase da velocidade como rebeldia real)... mostrem-me um verso! Uma harmonia torta!

Mas não é justamente esse o beco sem saída da análise² crítica de sua recepção!? Afastando-nos do que precisamos saber: notadamente, que personagem cultural é esse? Que espécie de côncavo constituímos como sociedade para o convexo de sua presença semi-secular? Por que não é possível aceitar que tudo seja simplesmente indústria, quantos passaram?

Roberto, oh Erasmo, que estranha potência a vossa! Estaria esse suposto vazio crítico diretamente associado à limpidez de uma certa representação da emoção, do amor, de um personagem ideal, depurado, sincero, confiável? Alguém que, de alguma forma, nos transmite uma sensação de continuidade de um Brasil-riacho?

E além disso, um personagem idealizado pela mulher: namorada (menina, linda); amante (Oh meu imenso amor, detalhes, vista a roupa meu bem, nunca mais te deixarei e tantas outras); amiga (amiga) família (Primeira Dama / Tão linda, esperando neném...); mãe (Lady Laura); santa (Nossa Senhora)...

São tantas mulheres! Ou é apenas uma? Que esse personagem atende com seu perfil tão meigo e tão distinto daquele famoso estereótipo que Hollywood faz questão de projetar aqui – o macho latino, cubano, argentino, o tango. Seria Roberto, então, o bálsamo tão desejado dessa ferida?

Porque há certamente uma ferida, uma tristeza, um tom de choramingo que se faz charme, que atesta uma falta, e aí entra a mulher

como personagem viva, e o homem como quem deseja estar ali também, como amante ideal.

Não é assim que começa ‘Lady Laura’? Um filho que admite precisar do resgate da mãe³ – coisa rara quando já se é crescido e famoso. E pela mesma linha, Nossa Senhora, esse feito raríssimo de um cantor popular: inserir sua canção na liturgia católica... minha mãe adotava a canção como hino e como oração.

O artesanato da melodia contribui para a análise:



É muito difícil fazer coisas simples, quanto maior a simplicidade, maior a dificuldade. Esse gesto é um exemplo. Há uma subida íngreme do si inicial até sua oitava superior, e essa subida gera energia para a súplica – porém é a finalização do gesto que lhe dá originalidade, desfazendo tudo, ou confirmando tudo com a palavra ‘Coração’, que projeta um arpejo descendente de Sol. O coração arpejado dá conta da falta, é o reverso confirmador da agonia da subida.

Sem dúvida, Roberto é especial, inclusive porque teve que conviver com trauma e perda ainda na infância, em seu próprio corpo. Talvez essa pequena tragédia (o acidente de trem) tenha criado ‘um’ entre nós homens, que não se envergonha da falta, e assim pode reconhecer a mulher da forma que faz – para lá da simples imagem de galã.

Não há, porém, como isentar o personagem composicional de toda a cumplicidade com esse estado de comunicação sentimental e pouca invenção que predomina em nosso meio. Roberto, por favor, desafine!

¹Esta crônica foi escrita a pedido de Manuel Veiga.

²Vale conferir o livro do Pedro Alexandre Sanches, que inclusive observa a pouca produção analítica dedicada à obra de Roberto/Erasmus, ofuscada pelo lado mais crítico da MPB.

³Alguns anos antes, Lennon lançou 'Mother', mas a cena é bem outra: Mother, you had me! But I never had you! E que berros primais que o bezerro Lennon dá!